

O ECLIPSE DE DEUS: SOBRE RITUAL E HEGEMONIA POLÍTICA NA RDA*

por

Jorge Freitas Branco**

A ALEMANHA COMO TERRENO ETNOGRÁFICO

A queda do muro de Berlim em 1989 constitui um marco cronológico de primeira grandeza na história europeia do pós-guerra. Terminava uma competição entre sistemas políticos e económicos antagónicos nos seus princípios teóricos, pela implosão de um deles – a seguir designado por socialismo – e a expansão da área de influência do outro – o capitalismo. Deixava de existir a bipolaridade que sustentou durante quatro décadas um quadro das referências ideológicas nacionais e internacionais à escala mundial. O socialismo passou a ser um objecto de análise histórica, na medida em que as práticas societárias a que deu origem se transformaram num quadro de memórias vividas e sentidas

* Este artigo tem por base um relatório de pesquisa para o projecto *Ritualidades da Europa central: as iniciações cívicas (Jugendweihe) na Alemanha*. A recolha de materiais foi efectuada durante uma licença sabática semestral (Outubro de 1996 a Fevereiro de 1997). Agradeço à Universidade de Leipzig ter-me acolhido ao longo desse período como professor visitante no Instituto de Etnologia, o que me permitiu dispor de tempo, de condições de trabalho e de logística favoráveis e estimulantes. Devo ao Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD), Bona, o apoio financeiro para concretizar o que me havia proposto. Desejo expressar a minha dívida pessoal a Gerhard Grohs (Munique) e, muito especialmente, a Bernhard Streck, director do instituto que espontaneamente me integrou na sua actividade quotidiana. Para além da disponibilidade generosa dos entrevistados em Leipzig, Berlim e Dresde, cujas identidades terão de ficar anónimas, recordo a simpatia, a abertura e a paciência de Wolfgang Liedtke, também do referido instituto. No Sächsischer Verband für Jugendarbeit und Jugendweihe e. V. (secção de Leipzig) encontrei pessoas prontas a relatar experiências passadas e presentes, facultando informação sobre a actualidade. Recordo a eficiência no atendimento e aconselhamento dos serviços da Universitätsbibliothek e da Deutsche Bücherei (Leipzig), da Staatsbibliothek Preußischer Kulturbesitz e no Otto-Suhr-Institut (Berlim).

** Professor do ISCTE, Lisboa.

em milhões de pessoas, que hoje vivem sob um conjunto de regras políticas e jurídicas para elas novo. Trata-se de uma situação inédita. Se ao longo do século XX se tinha assistido a revoluções para derrubar o capitalismo e transitar para o socialismo, neste final de século o desafio apresenta-se também em moldes originais. Neste plano, os anos 90 têm sido caracterizados por processos dinâmicos a caminho de uma *recapitalização* dos anteriores países socialistas. É a implantação de um modelo de sociedade para populações cujos trajectos biográficos foram moldados dentro do sistema que entrou em colapso.

Pela influência que teve durante este século, a questão do socialismo é uma problematização fundamental para a análise histórica e para o estudo do papel das ideias e teorias políticas; por isso, permite perspectivas para o trabalho antropológico. Refira-se, entre outras possibilidades, a da pesquisa centrada na exploração das vivências dos indivíduos no regime anterior, no intuito de sublinhar o papel desse passado como fornecedor de referências para a construção de memória na sociedade actual.

No panorama dos ex-países socialistas, a RDA apresenta algumas singularidades. Não tanto pelos indicadores sociais e económicos que determinavam o nível de vida da sua população, mas sobretudo pelo facto de se tratar de um estado criado para delimitação de uma porção de soberania territorial anteriormente inexistente. Vista a situação de outra maneira, o anterior país passa a ser uma nação com dois estados: a questão nacional deixa de coincidir com a do regime. Para além da Alemanha, a guerra fria irá originar constelações análogas em vários países do mundo (China, Coreia, Iémen, Vietname¹). Uma nação passa a albergar dois regimes antagónicos e em confronto. A RDA foi um estado, cuja existência (1949-1990) se confunde com a implantação, consolidação e colapso do sistema socialista.

Associando a questão do socialismo como teoria política à história contemporânea alemã e atendendo ao processo de surgimento da RDA, compreende-se que desde o início o novo estado se considere depositário e perpetuador das tradições políticas, sociais e culturais surgidas sob a égide duma premissa ideológica – a construção do socialismo pelo levantamento dum estado operário-camponês em solo alemão.

A pesquisa antropológica sobre o contexto alemão em geral caracteriza-se pela existência dum grande desequilíbrio no que respeita o interesse suscitado junto da comunidade internacional de antropólogos. Enquanto os resultados fornecidos pelos nacionais são abundantes e diversificados (Dow & Lixfeld 1986, Chiva & Jeggle 1987)² dado o grande número de organismos académicos exis-

¹ Destes exemplos de divisão nacional em dois estados soberanos consumada durante a guerra fria, só no caso do Vietname se verificou a unificação (1975) sob a égide do regime socialista.

² Estas são duas das referências disponíveis para o público de língua inglesa ou francesa.

tente no domínio científico em causa (Volkskunde), o interesse dos estrangeiros pela(s) Alemanha(s) como *terreno* tem sido reduzido, se compararmos o panorama com outros países da Europa ocidental. Este desinteresse parece pouco ter a ver com a língua, conforme já no início da década de 80 foi observado (Forsythe 1984).

Neste contexto o acesso à ex-RDA, para além de se tratar da Alemanha, estava condicionado por imperativos de ordem política, que dificultavam o relacionamento com os países ocidentais. Esta barreira só foi ultrapassada uma vez por um antropólogo. Em finais dos anos 80, é levada a efeito uma pesquisa envolvendo permanência no terreno, abrangendo os dois lados da cidade de Berlim (Borneman 1992).

Em consequência e invertendo a tendência que se regista na maioria dos países europeus (ocidentais), o saber antropológico produzido sobre a(s) Alemanha(s) assenta quase essencialmente numa notável actividade endógena pouco conhecida na comunidade internacional. No caso alemão, pesem as condicionantes da situação política de então, deve falar-se com propriedade de uma etnologia, à partida, *at home* (Jackson 1987), e no contexto em apreço, pelo vistos muito pouco apelativa para investigadores estrangeiros. Mesmo tendo em consideração a tradicional divisão institucional alemã entre *Völkerkunde* (acção fora da Europa) e *Volkskunde* (actuação no domínio doméstico), não deixa de ser intrigante a atitude de evitamento criada.

A INICIAÇÃO CÍVICA (*JUGENDWEIHE*)

A partir dos anos 80, com o clima de desanuviamento político entre os dois estados alemães, a cooperação ou o diálogo entre as duas comunidades de cientistas sociais conheceu um forte incremento, que se traduziu do lado ocidental num acentuado aumento de publicações abordando temáticas do país vizinho. O ocidente descobria e problematizava o oriente, para além da clivagem ideológica.

Da bibliografia daí resultante e, numa perspectiva de interesse para o antropólogo, sobressaem as análises do quadro de funcionamento político do regime em função da reacção e comportamento da população. Não só se partiu à descoberta duma realidade diferente e insuspeita, como se iniciaram estudos de comparação dos dois sistemas em contenda (*Systemvergleich*).

Um dos aspectos abordados tem a ver com o calendário comemorativo elaborado ao longo dos anos pelo regime socialista. Constatava-se ter existido um esforço dirigido de criação nalguns casos, de consolidação e consagração de manifestações da tradição operária, e noutros, de apagamento ou tentativa de esvaziamento de celebrações relacionadas com o ciclo de vida do indivíduo.

Neste último domínio havia uma exceção: a iniciação cívica (*Jugendweihe*, em inglês *civic initiation ceremony*).

A *Jugendweihe* é uma cerimónia pela qual jovens de ambos os sexos, ao atingirem os 14 anos de idade, são formalmente admitidos na sociedade dos adultos. Do ponto de vista ritual, trata-se de marcar a entrada numa vida própria. Através dum juramento colectivo por citação individual de cada participante, os iniciandos comprometem-se a aceitar regras de comportamento cívico numa base filosófica ateuísta. Por sua vez os adultos mostram aos jovens a alteração de estatuto, pela mudança da forma de tratamento, a que os jovens passam a ter direito: perante desconhecidos não podem ser tratados por tu. A cerimónia realiza-se uma vez por ano, num domingo durante os meses de Março a Maio. Há duas fases distintas no programa. Na manhã os iniciandos concentram-se num salão previamente preparado para a solenidade. Chegam acompanhados pelos pais ou encarregados de educação. No recinto sentam-se à frente, enquanto os acompanhantes ficam atrás com o estatuto de convidados. Após um discurso introdutório e alusivo à circunstância e com um protocolo rígido a fim de sublinhar a importância do evento, os jovens sobem ao palco em pequenos grupos, onde prestam o juramento (*Gelöbnis*) e recebem um certificado (*Urkunde*) da sua participação na *Jugendweihe*, um ramo de flores e um livro. Prestado o juramento, um dos jovens em representação da leva de iniciandos presentes, profere um discurso de agradecimento, confirmando a aceitação do compromisso solenemente assumido. Finda a sessão e à saída do local, tiram-se as fotografias para a posteridade. Uma com os pais, irmãos, avós e parentes presentes. Outras com os co-iniciandos e o professor responsável pela turma. A partir desta altura, o dia festivo passa a estar sob a alçada familiar. O iniciado permanece foco das atenções, mas desta vez num âmbito de sociabilidade relacional com os convidados (familiares, conhecidos e vizinhos). Antes do almoço procede-se à entrega dos presentes ao novo adulto – um dos momentos mais esperados em toda a festividade. O almoço reúne todos os presentes, que tenham sido convidados. A refeição pode realizar-se em casa ou num restaurante previamente reservado. O resto da jornada é dedicada a convívio. Os jovens tendem a ficar entre si, enquanto os adultos conversam. Há matéria suficiente para falar, pois a celebração da *Jugendweihe* justifica uma deslocação, mesmo para os que vivem longe³. À noite os jovens podem fazer o que desejem. Em regra vão dançar.

³ Neste contexto não se pode deixar de referir a presença de parentes residentes na Alemanha ocidental, quando existem, para assistir à celebração. A entrada de estrangeiros na RDA estava sujeita a visto prévio, que no caso de alemães obedecia a critérios em princípio mais apertados do que para os cidadãos de outros países. No entanto, os convites formulados desde a RDA para assistir à iniciação cívica, eram motivo suficiente para a concessão de visto pelas autoridades.

Para além da alteração da forma de tratamento, o iniciado passa a estar autorizado pelos pais a consumir bebidas alcoólicas; ao longo do dia, fazem-se brindes em sua honra, em que ele participa em igualdade de circunstâncias.

Dada a importância desta jornada domingueira, na manhã seguinte os jovens não precisavam de comparecer às primeiras aulas.

Acto único na construção biográfica do indivíduo, a participação na *Jugendweihe* constituía um marco na vida das pessoas; de futuro, a referência à data da cerimónia iniciática era um elemento de valorização no *curriculum vitae* do cidadão.

ALGUNS ANTECEDENTES

Esta descrição sucinta do desenrolar duma *Jugendweihe*, reflecte a cerimónia nos moldes em que ela se consolidaria na RDA, sobretudo a partir da década de 70.

Não interessa agora aprofundar algumas das alterações que se verificaram ao longo do tempo, como os presentes mais desejados e esperados, o envolvimento financeiro que a celebração representava para os pais – quando tinham vários filhos –, o quadro protocolar aplicado, o conteúdo do discurso feito aos jovens, a forma de comprometimento infiltrada no juramento, os assuntos seleccionados para cada uma das dez jornadas preparatórias (*Jugendstunden*) realizadas semanalmente e prévias à data da cerimónia, etc.

No âmbito deste artigo importa referir que a *Jugendweihe* se realizou na RDA desde 1955, sendo a sua organização anual assegurada por uma comissão central específica (*Zentraler Ausschuß für Jugendweihe in der DDR*), dotada de ramificações até ao nível local. A adesão a este ritual de ingresso na idade adulta teve na década de 50 percentagens de participação que começaram nos cerca de 25%, sendo que durante a década seguinte se atingem níveis acima dos 90%, de acordo com as estatísticas oficiais. Mesmo que elas pequem por algum excesso de zelo propagandístico, aceita-se, como um dado adquirido, a forte implantação da *Jugendweihe* na sociedade da RDA (Billeb 1992, Mohrmann 1996, Hartmann 1989).

Existem estudos sobre os antecedentes históricos; em alguns dos aspectos versados, eles são muito exaustivos pela documentação compulsada.

As primeiras referências seguras remetem para meados do século passado, quando associações de livre-pensadores terão optado por este ritual laico para acolher os jovens no mundo dos adultos. Antes da viragem do século a *Jugendweihe* difunde-se em círculos da social democracia, que passam também a organizar sessões solenes de iniciação cívica. Será no entanto após a Primeira Guerra Mundial que o cerimonial irá ganhar expressividade nos meios operários. Para além dos livre-pensadores e dos sociais democratas, de igual modo os comu-

nistas aderem à ideia e aos seus propósitos, organizando sessões próprias, designadas por *Jugendweihe* comunista ou proletária.

Com a instauração do regime nacional socialista são proibidas as iniciações cívicas. Só em 1946 se voltam a organizar em diversas zonas da Alemanha, precisamente onde livre-pensadores, sociais democratas ou comunistas tinham maior implantação. Na zona de ocupação soviética, futuro território da RDA, surgem por parte das autoridades comunistas alemães algumas reticências perante a realização da *Jugendweihe*. No contexto político de então, em que se defendia uma aliança com amplas camadas da população, e para não ferir a sensibilidade religiosa de muitas pessoas, incluindo no seio dos meios operários, passam a ser dificultadas e depois proibidas as iniciações cívicas. Em contrapartida, nas áreas de implantação tradicional dos livre-pensadores e dos sociais democratas da Alemanha ocidental, como na região de Hamburgo e na do Ruhr, prosseguem as cerimónias sem entraves desta ordem (Gandow 1994).

Em 1954 cria-se na RDA a comissão central atrás referida, para a organização anual da *Jugendweihe* em todo o país. O aparecimento desta entidade, formalmente com estatuto não partidário, reunindo individualidades de sectores diversificados da opinião pública nacional, acabava por implicitamente patentear uma viragem inesperada do regime nesta matéria. A massa dos militantes comunistas foi colhida de surpresa, assim como os meios social democratas e de livre-pensadores (Billeb 1992, etc.). Instituíra-se um dispositivo para a recuperação e sobretudo para a institucionalização da *Jugendweihe*. As iniciações cívicas deixavam de ser uma iniciativa cultural e uma opção ideológica suportada por associações, para passar a constituir um instrumento de política do estado. O regime operário-camponês em solo alemão reforçava e estabilizava a sua linha política por um processo de recuperação duma ritualidade relacionada com o ciclo de vida do indivíduo, implantada nos meios operários e em círculos burgueses laicos, privilegiando no plano ideológico a tradição na sua vertente comunista ou proletária.

A realização anual das cerimónias organizadas com o apoio das organizações de enquadramento de massas e das escolas, permitiu um aliciamento cada vez maior dos jovens de 14 anos. Na perspectiva da instituição religiosa – do ponto de vista da adesão confessional, a igreja protestante era largamente maioritária em relação à católica – o estado ateu estava a minar a curto prazo a base social de apoio e de reprodução da comunidade de crentes. O conflito aberto teve naturalmente reflexos nacionais e viria a definir a relação de forças entre o regime e a igreja. Embora o estado tenha feito algumas concessões de pormenor no desenrolar da cerimónia, às instâncias eclesiásticas só foi possível uma sucessiva acomodação às novas circunstâncias.

Os ventos tinham mudado e a sociedade da RDA é considerada como fortemente secularizada. Ou seja: o que inicialmente surge como uma imposição do

regime, em que a crescente e forte adesão dos implicados – com as suas famílias – pode ser interpretada como uma submissão sem alternativa de contestação, quer dizer, uma acção voluntária num contexto imposto, de igual forma poderá traduzir uma iniciativa de estado que encontrou terreno sociológico propício. O problema da adesão voluntária como máscara duma acção no fundo compulsiva coloca-se em geral ao investigador em ciências sociais. No contexto em discussão a questão não é determinante, na medida em que não se trata de encará-la no seu aspecto legitimador do poder estabelecido, mas pela importância que adquiriu na sociedade.

UMA ESPECIFICIDADE ALEMÃ

A *Jugendweihe* tem raízes históricas longas na Alemanha. Conheceu as vicissitudes do desenvolvimento dos ideais do ateísmo e das correntes de militância anti-religiosa da modernidade, ancorou-se nas duas principais fileiras de enquadramento do movimento operário nacional, foi instituída como instrumento ideológico de estado na RDA.

Na Alemanha dos anos 90, a realização de iniciações cívicas apresenta o seguinte panorama. Na Alemanha ocidental permanecem activas associações no norte e no Ruhr; e no ex-território da RDA, o número de jovens que se submetem a este rito de iniciação é elevado, nas grandes cidades como Berlim, Leipzig ou Dresde a percentagem poderá atingir mais de metade do potencial de indivíduos do grupo etário visado. De tal forma que, tanto a opinião pública na Alemanha ocidental, como observadores estrangeiros ao descobrirem o fenómeno na sua dimensão, não ocultam a surpresa. Consideram-no, muitas vezes, como o único legado visível da RDA (Jurt 1992: 129-130). Mas especialistas vindos do interior – ou seja, ex-cidadãos do país desaparecido – também seguem a situação atentamente (Mohrmann 1996). Porque presentemente o quadro e as condições são diferentes. A *Jugendweihe* é assegurada por associações cívicas e do ponto de vista estatutário e de conteúdo do juramento a prestar, inserem-se agora na tradição e nos ideais dos livre-pensadores. A voluntariedade da adesão à participação deixa no actual contexto político de ser questionada.

A amplitude do fenómeno deve ser entendida a pelo menos dois níveis. Por um lado será a manifestação de um sentimento nostálgico generalizado nos ex-cidadãos da RDA em dias de adaptação a uma sociedade para eles nova; pelo outro, poderá um quadro de referência conhecido servir agora para um significado diferente – a necessidade de expressar na Alemanha unificada uma identidade regional específica.

A celebração da *Jugendweihe* nunca parece ter ultrapassado o âmbito territorial da soberania alemã. Nos anos 20 estendeu-se à minoria alemã estabelecida

nos Sudetas (Jw 1928, 1931). Nos outros países de língua alemã, como a Áustria, realizaram-se somente em algumas regiões, durante a década de 50, cerimónias de iniciação cívica, designadas *Jungbürgerfeier*, que envolviam os mancebos antes da prestação do serviço militar (Grieshofer 1987). Para a Suíça, as únicas referências encontradas na bibliografia reportam-se a iniciações desta índole na região de Basileia, organizadas a partir dos anos 30 (Stübín 1970). Nos dois casos são, por conseguinte, adopções recentes. Têm por objectivo o reforço do sentimento nacional e não revelam o pendor político que se desenvolveu e caracteriza a *Jugendweihe* alemã – não há enfrentamento do elemento religioso.

Em resumo, verifica-se ser a *Jugendweihe* um rito de iniciação que introduz o indivíduo na comunidade de adultos envolvida num combate ideológico contra a religião. A sua cobertura geográfica coincide com as áreas de implantação da social democracia e do comunismo alemães. Não se trata, por conseguinte, de uma questão no plano linguístico, mas de disputa de supremacia política à escala nacional. Como mesmo durante o regime socialista, a iniciação cívica não se transmitiu aos outros países da mesma frente ideológica, pode-se então considerar a *Jugendweihe* uma manifestação específica da cultura operária alemã.

Na actualidade a anterior tónica de filiação na área política tradicionalmente designada por esquerda, parece não constituir já a linha de orientação. Retomam-se os princípios humanistas de crítica ao papel da religião na sociedade.

UM CAMPO DE PALAVRAS

Dado o enraizamento da *Jugendweihe* nos novos estados federados⁴, pareceu-me importante averiguar o relevo deste tipo de comemoração secular na memória das pessoas. Atendendo ao contexto político do seu desenvolvimento, procurei reunir um universo de entrevistados, tendo a idade como critério para a sua selecção, de forma a obter relatos das diferentes gerações de pessoas que havia sido cidadãos da RDA. Embora ainda em tratamento é possível adiantar

⁴ O território da RDA deixou de existir em 1990, quando a última Câmara Popular (o parlamento) deliberou a extinção do país e a sua integração na Alemanha Federal, passando esta última a integrar cinco novos estados. Juntamente com a reforma monetária realizada meses antes na RDA (substituição da moeda nacional pelo Deutsche Mark), estava assim feita a unificação. Os novos estados (Mecklenburg-Vorpommern, Brandenburg, Berlim, Sachsen-Anhalt, Saxónia e Turíngia) são conhecidos hoje também pela sigla FNBL (die fünf neuen Bundesländer) – os cinco novos estados federados. A Alemanha unificada ficou com a designação oficial da anterior Alemanha ocidental: República Federal da Alemanha, vulgo Alemanha Federal. Na linguagem quotidiana utiliza-se muito os termos os ocidentais (*Wessis*) ou os orientais (*Ossis*). Os alemães orientais consideram-nos algo pejorativos, falando antes de alemães orientais (*Ostdeutsche*) e de ocidentais (*Westler*).

algumas considerações preliminares e de carácter genérico.

As entrevistas realizaram-se quase sempre a sós, à excepção do caso de um casal que relata em conjunto. Em regra a conversa era marcada com alguns dias de antecedência e, nessa ocasião, era explicada a razão do pedido de colaboração. Invocava o meu interesse por um assunto de índole etnológica, afirmava-me admirado pela continuidade tão activa de uma tradição instaurada no regime anterior, explicando desejar obter pelas entrevistas relatos de experiências pessoais para um posterior confronto das recordações *hoje* vivas nas várias gerações. A maioria das pessoas contactadas, embora surpreendida, mostrou-se bastante interessada e empenhada na colaboração. Muitos recearam traições de memória, ou seja não puderem ser tão concretos quanto o meu trabalho científico certamente o exigia. Face a esta incerteza, eu invocava não ser isso em si relevante, mas sim as lembranças actualmente recuperáveis. No fundo, pedia aos candidatos a entrevistados que se deixassem surpreender, não preparando a conversa.

As sessões foram feitas no meu gabinete de trabalho, só algumas em ambiente doméstico. A autorização prévia para efectuar a gravação foi-me sempre concedida, depois de eu sublinhar que o tratamento da informação seria feito em pleno respeito das regras do anonimato. As pessoas consideraram-se sempre satisfeitas com este esclarecimento. Atribuo-o não só ao meu estatuto e ao facto de ser estrangeiro, como ao nível educacional elevado – regra geral universitário – dos entrevistados.

Para estimular a conversa, começava com perguntas concretas (ano em que havia feito a *Jugendweihe*, dia, hora, o programa da cerimónia, o local, as pessoas presentes, o programa da tarde, a indumentária, os presentes recebidos, etc.). Este procedimento obrigava o entrevistado a respostas concretas, às quais em regra cedo não conseguia corresponder cabalmente. Era este o momento decisivo para mim, porque justificava transitar para um estilo de entrevista menos centrado nos factos e mais na vivência e nas opiniões subjectivas dos indivíduos. Se no início a relação de diálogo se pautava pela cadência curta de perguntas e respostas, mais tarde transitávamos para um discurso prolongado do entrevistado, em que o papel do entrevistador consistia em formular curtas interrogações gerais de esclarecimento ou simplesmente de estímulo⁵.

⁵ Este procedimento parece ter sido pretexto para que algumas pessoas se indagasse sobre o seu passado. No final das actividades académicas semestrais proferi uma palestra em que fiz um ponto da situação em torno dos materiais recolhidos. Passados alguns dias, uma estudante que havia assistido pediu para ser entrevistada, pois sentia uma lacuna na sua memória, à qual não conseguia dar explicação. Da entrevista ressaltou coincidir a sua *Jugendweihe*, em que ela tivera uma acção muito activa, com um período da sua vida caracterizado por grandes conflitos pessoais no seu relacionamento com os pais e com alguns dos professores na escola.

O APAGAMENTO DE DEUS

Das cerca de duas dezenas de pessoas entrevistadas, à razão média de 90 minutos por cada sessão de gravação, resultam neste momento alguns traços de caracterização global.

O desafio colocado para refrescar a memória significou para a maioria reconfrontar uma experiência pessoal, explicada num contexto social determinado, mas desaparecido. Quanto mais idoso(a) o(a) entrevistado(a), maiores as incertezas ou mesmo as falhas sobre os acontecimentos, mas mais vivo o envolvimento político nacional das iniciações cívicas – a laicização acelerada da sociedade alemã oriental (anos 50). É nesta faixa etária que se encontram adversários e apoiantes assumidos do processo então em curso de combate ideológico ao elemento religioso. As pessoas referem a luta travada, embora não consigam descrever as cerimónias que então despoletaram a polémica. Destas narrativas ressaltam não só a força aplicada pelo regime para alterar a situação existente, como os meios compulsivos indirectos adoptados, quer ao nível da agitação e propaganda, como das implicações retaliatórias na promoção escolar ou profissional.

Os entrevistados das gerações posteriores revelam-se mais seguros no plano dos factos memorizados em torno da sua iniciação cívica. Lembram-se com mais certeza dos presentes oficiais recebidos⁶ ou as ofertas dadas pelos familiares. A conflituosidade política do acontecimento tão viva na geração anterior, tende a atenuar-se ou a tornar-se só marginalmente implícita. Parece corresponder à fase em que a maioria dos jovens das turmas escolares se decide pela *Jugendweihe*. Serão já poucos os recalitrantes, o entrevistador tem de indagar da sua existência e em que número.

A partir da década de 70, ressalta o apagamento na consciência das pessoas entrevistadas do cenário de clivagem política associado às iniciações cívicas. É transmitida uma imagem reveladora de um dado previamente adquirido, sem ligação ao passado, ou seja inserido numa tradição delineadora da trajectória biográfica do indivíduo. Relatam a cerimónia, sabem o ano ou mesmo a data da sua leva, mencionam sem hesitação os presentes recebidos, as mulheres lembram-se da indumentária que envergavam, reconstituem o círculo de convidados, a jornada no seu todo. Pormenores esquecidos dão azo a esforços constantes para

⁶ O presente consistia numa publicação de grande qualidade gráfica, concebida e editada para esta ocasião. Eu controlava esta parte da entrevista, perguntando o título da obra. Foram variando ao longo dos quatro decénios de existência da RDA (cf. Weltall 1954, Deutschland 1957, Sozialismus 1975, Sinn 1983). Excede o âmbito deste artigo a análise crítica das alterações de conteúdo destes livros ao longo do tempo.

reavivar a memória. Não hesitam em solicitar ao entrevistador elementos de referência. Contrastam com os entrevistados pertencentes à primeira geração, porque relembram o processo reconstituindo uma teia de relações no plano pessoal afectivo.

Colocados os entrevistados numa linha cronológica abarcando as quase quatro décadas, dir-se-ia que a *Jugendweihe* passou de fenómeno de relevância política nacional, sacudindo a sociedade socialista emergente, para um acontecimento cultural no âmbito biográfico dos indivíduos. Será esta uma das conclusões preliminares a retirar no estado actual de tratamento dos materiais recolhidos. Traduz-se nos relatos gravados pelos esclarecimentos que os entrevistados voluntariamente sentem a necessidade de fazer ou mesmo de expor. Os mais velhos realçam o ambiente das grandes batalhas políticas travadas em defesa de princípios ideológicos fundadores do regime; os mais novos não são menos extensivos nas suas narrativas, mas situam-se num universo de valores formulados num sistema de relações afectivas. Não questionam a iniciação cívica, antes a aproveitam para indagar o seu relacionamento com os pais, a família, os professores, os adultos e os outros jovens.

Embora provisória como conclusão, esta proposta de interpretação entreabre uma linha exploratória que transforma os tempos vividos por uma geração temperada nos grandes combates ideológicos edificadores duma nova sociedade para uma fase em que a esfera da intimidade parece substituir o anterior contexto de relações estabelecidas em torno da *Jugendweihe*.

Pela institucionalização da *Jugendweihe* infere-se um processo social caracterizado pela politização do elemento ritual, posteriormente transformado em ritualização do elemento político. Talvez isto explique a abertura dos entrevistados para falar de situações da sua vida privada, da sua vivência como cidadãos da ex-RDA. No entanto, em nenhuma das entrevistas é feita menção a actividade política no partido. À luz da situação actual, é compreensível a omissão.

Aproveitando estes dados e, como no fundo, entrevistador e entrevistado(a), embora sem o referir, sintonizavam de modos diferentes uma sociedade desaparecida, a pergunta final era inevitável e, quem sabe, esperada. Quais os motivos do colapso da RDA? Em todos uma resposta difusa, mas com alguma diferenciação consoante a geração a que pertencem. Enquanto os mais idosos tendem a explicar o acontecimento com as contradições da ordem económica estabelecida (as falhas no abastecimento da população, o peso dos crescentes compromissos de exportação, etc.), os grupos etários mais jovens referem a falta de perspectiva, o envelhecimento dos equipamentos produtivos e sobretudo a impossibilidade de viajar para ocidente.

O CONTEXTO DOS MATERIAIS ACUMULADOS

As entrevistas obtidas são o alicerce para estabelecer uma linha de pesquisa. Para isso, há que colocá-las num quadro interpretativo. Os relatos individuais só ganham expressão e interesse para o estudo das iniciações cívicas alemãs, se cruzados com outros materiais disponíveis sobre as mesmas cerimónias.

No campo científico é extensa a bibliografia existente e publicada nas duas Alemanhas desde o após-guerra e até ao início da presente década. Na RDA ela começa a adquirir algum relevo com as publicações da etnóloga Ute Mohrmann (1986, 1987, 1990, 1996) que vê na *Jugendweihe* uma prática cultural adquirida e específica da realidade socialista da RDA. A organização de pesquisas sobre manifestações culturais consideradas características do modo de vida socialista – sozialistische Lebensweise (p. ex. Dehne 1985) – constitui um dos projectos da etnologia interna na década de 80 (Rusch 1986), em termos programáticos centrada no estudo da realidade decorrente de três décadas de socialismo (Winckelmann 1986). Nestes artigos sublinha-se a aceitação geral por parte da população, não é referida a conflituosidade inicial dos anos 50, destacando-se sobretudo o papel sociológico no presente, ou seja, tratar-se entretanto da mais importante festividade no quotidiano da população, quer no plano oficial, como no da esfera familiar.

Poucas mais são as publicações feitas por cientistas sociais nativos sobre esta temática. Em contrapartida, do lado ocidental, politólogos, sociólogos e mesmo etnólogos despertam nos anos 80 para a análise da realidade cultural e social da população do país vizinho. Ao reflectir sobre o calendário festivo do regime, é inevitável a referência à *Jugendweihe* (Sauer 1989, 1989a, 1993; Koch 1989; Köstlin 1991; Kraa 1989; Rytlewski & Sauer 1988; Rytlewski, Sauer & Treziak 1987) no quadro da ciclicidade festiva construída. Há que mencionar novamente o livro de John Borneman, onde a *Jugendweihe* é alvo de menção, pelo papel aglutinador que adquirira na família (Borneman 1992: 200).

OBSERVAR A VIDA NO SOCIALISMO

Experiência de terreno na RDA só se veria a concretizar noutro caso. Uma equipa de especialistas de história oral viria a recolher abundante material em 1987 (Niethammer, Plato & Wierling 1991). Trata-se da obra mais significativa e que mais fundo penetra na realidade e no pensamento dos indivíduos vivendo num regime socialista. Os autores apresentam trajectos biográficos compilados de forma a evidenciar os anos iniciais da construção do socialismo. No seu conjunto, constitui uma tentativa de mostrar aspectos múltiplos da sociedade na sua lógica interna, para além da cortina da propaganda oficial. A *Jugendweihe* é focada na

entrevista a um pastor de uma pequena cidade industrial situada perto da fronteira com a Polónia, onde nem sequer existia uma torre de igreja. Pela sua posição irreductível e inconciliatória, considera-se *a posteriori* de facto como derrotado, embora tranquilo com a sua consciência (Niethammer, Plato & Wierling 1991: 221-247).

A investigadores não-nativos a RDA só se abriu excepcionalmente na segunda metade desta década; daí os livros resultantes das pesquisas terem sido publicados depois da auto-extinção daquele estado.

Numa compilação bibliográfica sobre as iniciações cívicas ressaltam dois grandes blocos temáticos, sendo que um deles mostra a marca da época em que emerge. Trata-se da abundante literatura produzida em torno da polémica entre o estado e as igrejas (protestante e católica) durante a fase de implantação nacional das cerimónias. A título exemplificativo, refira-se uma brochura elaborada para a divulgação do ponto de vista oficial do regime e editada por uma das grandes organizações de enquadramento de massas (Allendorf 1960). Num estilo dirigido aos pais, o autor explica os objectivos gerais no plano humanístico e cultural da iniciação cívica, sublinhando o ponto de vista, segundo o qual, não pode haver incompatibilidade com as cerimónias religiosas paralelas (confirmação e primeira comunhão). Também apologéticos, mas traduzindo já a tendência da evolução que se verificava, existem vários livros, dos quais se podem destacar o de H. Arnold (1961) ou de H. Steininger (1961). Se esta era a tendência interna na RDA nesta questão, a argumentação contrária na defesa intransigente da religião, do seu monopólio na manipulação do elemento sagrado e dos valores ocidentais em geral, encontra-se exposta em muitas obras, embora compreensivelmente todas saídas a lume na Alemanha ocidental (Cineris 1956; Jeremias 1958; Köhler 1962, 1958; Guggisberg 1961).

Só à primeira vista a polémica é um assunto entre as duas Alemanhas; na verdade, é um painel com o colorido e o vigor expressivo característicos da guerra fria.

Do exposto ressalta o tardio interesse científico na RDA pela própria etnografia interna vista no presente. Este problema está relacionado com o papel atribuído pelo regime às ciências sociais. O aspecto mais discutido tem sido o da sua existência como estrutura legitimadora dos objectivos fixados pelo partido (Bafoil 1991)⁷. Pelos materiais até ao momento presente recolhidos para o tema, fico com uma ideia bem mais complexa do papel da ciência (social) no socialismo.

⁷ A RDA como objecto histórico encontra-se em plena efervescência. Para uma problematização da investigação de história social consulte-se o artigo de Jürgen Kocka (1995) e, para os primeiros resultados de projectos de investigação, a obra de Kaelble, Kocka & Zwahr (1994).

UM TRATAMENTO DISCRETO

O único artigo científico versando a *Jugendweihe*, e anterior à década de 80, é da autoria de um investigador do instituto de sociologia da juventude (*Zentralinstitut für Jugendforschung*), em Leipzig (Pinther 1969). Uma primeira leitura não deixa de provocar uma sensação de perplexidade, pois o autor apoia-se num considerável volume de materiais empíricos.

Em 1967 foi levado a cabo um inquérito abrangendo 1200 jovens de 34 freguesias espalhadas pela RDA. A. Pinther apresenta e discute alguns dados apurados e centra as suas conclusões em recomendações práticas aos responsáveis pela preparação das cerimónias de iniciação cívica, com vista à obtenção de melhores resultados junto dos iniciandos. Ao leitor ocidental este artigo surpreende, não tanto por ser tão parcelar, mas mais pela aparente mensagem codificada. Se, de acordo com os resultados obtidos, cerca de metade dos inquiridos se mostra plenamente satisfeita e identificada com os objectivos e a forma de realização da *Jugendweihe*, porquê tanta preocupação em alcançar maior eficácia no evento? A solução deste enigma fez-se por duas vias.

Uma teve a ver com a audição atenta de uma gravação, onde um sociólogo relatava a sua anterior actividade profissional, as esferas de actuação e da respectiva articulação com a realidade política e social. Neste sentido fiquei a saber da existência em arquivo de apuramentos de inquéritos regularmente empreendidos em determinados domínios (juventude, empresa) e da norma vigente, segundo a qual, dados obtidos pela pesquisa social empírica eram por princípio considerados de acesso restrito.

Comecei então a desbravar as dissertações de doutoramento inéditas, mas que por norma legal eram depositadas na Deutsche Bücherei, em Leipzig. Da busca empreendida obtive referência a cerca de uma dezena de teses, defendidas em várias universidades, tendo a *Jugendweihe* por tema. Como abordavam aspectos da realidade presente da RDA, a requisição para consulta ou leitura era até 1989 condicionada, carecendo o leitor de uma autorização emitida por instância académica ou equivalente; num dos casos, a obra estava classificada de confidencial.

Num primeiro apanhado pode afirmar-se que se trata de material de primeira grandeza, pois tanto o seu conteúdo, como o contexto de produção e divulgação dos resultados obtidos é relevante na avaliação não só da *Jugendweihe* em si, como da forma de constituição de objectos científicos e das condições sociais e políticas em que se realiza e utiliza a ciência. Conhecidos estes parâmetros políticos de controlo da pesquisa científica, altera-se consideravelmente o contexto em apreço. Desde finais da década de 60, realizam-se investigações aprofundadas incidindo sobre inúmeros aspectos de um dos rituais seculares mais acarinhados pelo regime.

Em simples relance detecta-se convergência do tema em duas esferas distintas. Uma aborda o presente vivido, com a avaliação do impacte psicológico (Kempf 1986), pedagógico (Graff 1977, Helmholtz 1988) e de formação ideológica (Anders 1970); outra, representa um projecto de dignificação e legitimação da *Jugendweihe* na perspectiva história do movimento operário, sobretudo na sua fase formativa e de consolidação no plano nacional alemão. Este esforço de recuperação e construção de tradição centra-se tanto na vertente social democrata (Steinbach 1984), como na proletária (ou comunista) e abrange quer contextos regionais (Splettstösser 1984 para a Saxónia), como enfoques gerais, com balizas cronológicas colocadas entre o final do século passado e o período da república de Weimar (Wolf 1984, Junghanns 1987). Este esforço de investigação histórica termina já depois do colapso da RDA com uma tese sobre a fase inicial de reimplantação das iniciações cívicas na década de 50 (Billeb 1992). O interesse e o relevo atribuído pelas instâncias oficiais à leitura histórica deste ritual iniciático da tradição operária alemã, é fundamentado numa obra a que ainda não fiz referência, por ter sido publicada no circuito comercial anteriormente às teses referidas (Krapp 1977)⁸.

Será difícil nesta fase da pesquisa estabelecer uma ligação ou detectar uma coordenação concreta das investigações académicas mencionadas. Se na vertente da pesquisa histórica elas são defendidas na mesma instituição – a escola superior de pedagogia de Zwickau – nos restantes casos as teses vêm de diversas universidades, sendo que algumas haviam participado no grande inquérito de 1967 (Zwickau e Halle).

Segundo elemento a considerar são os domínios científicos em que se realizam e elaboram as dissertações: a pedagogia é de longe a faculdade ou área de conhecimento mais representada.

Durante o mesmo período, publicam-se no ocidente algumas dissertações dedicadas à mesma questão focada na sua incidência histórica ou sociológica anti-religiosa (Hallberg 1977, Köntti 1984)⁹. Ainda neste âmbito deverá ser citada

⁸ O artigo de G. Krapp (1972) lança as bases e o âmbito científico em que a investigação histórica sobre a *Jugendweihe* se deve realizar: pôr em destaque o papel de liderança cultural do movimento operário na história alemã e realçar a RDA como um estado em que estas manifestações culturais constituem património nacional, e deste modo, edificar uma via alternativa de memória colectiva. Este artigo é citado nas teses posteriores. Verifica-se igualmente que, desde princípios da década de 60, foram feitos só na Pädagogische Hochschule Zwickau cerca de três dezenas de trabalhos de fim de curso dentro desta temática, constituindo cada um deles um levantamento documental das iniciações cívicas a nível local durante a república de Weimar. Estes trabalhos foram compilados por Siegfried Wolf (1984: 235-236).

⁹ São teses em teologia. No primeiro caso trata-se de uma dissertação apresentada a uma universidade sueca, embora tenha sido publicada em alemão; no segundo, a dissertação é finlandesa, com um resumo longo em alemão e em inglês.

a obra de H. Dähn (1982), com um desenvolvido capítulo sobre a polémica em torno da iniciação cívica como um dos componentes da trajectória da igreja na RDA: a uma fase inicial de confrontação aberta com posições irredutíveis, seguir-se-ia uma postura mais colaborante e conciliadora.

PROTOKOLL-LITERATUR

A inserção profunda da *Jugendweihe* na sociedade da RDA constata-se de forma indirecta em determinadas vertentes da criação literária. Refiro-me a uma *Protokoll-Literatur*, que aparece em finais dos anos 70 e se mantém pela década seguinte. A primeira obra editada é da autoria de Maxie Wander (1933-1977), uma escritora de origem austríaca, emigrada em finais de 50 para a RDA. Característica principal desta linha literária é veicular ao leitor a voz dos protagonistas, transcrita para o papel a partir de gravações. O escritor remete-se para uma posição de menor evidência, ou mesmo de mero transcritor e compilador de depoimentos. Consoante a opção, ele pode interferir em maior ou menor grau, na medida em que lhe compete em última instância seleccionar as narrativas em discurso directo fixadas nas fitas. A obra inaugural do que viria a constituir uma vertente de grande êxito dá a palavra a 19 protagonistas no feminino, de gerações e meios distintos, no intuito de, pelas narrativas ou recorrendo a diários pessoais, chamar a atenção para as contradições na sociedade socialista (Wander 1977)¹⁰.

Com a entrada na década seguinte Gabriele Eckart aproveita uma experiência profissional pessoal na agroindústria dos arredores de Berlim, para a partir de entrevistas, indagar trabalhadores de ambos os sexos e de gerações diferentes sobre a sua avaliação do próprio trajecto biográfico (Eckart 1984)¹¹.

Inspirada na escritora falecida, Christine Müller (1949-) publica em meados dos anos 80 (Müller 1985) um livro em que os protagonistas são exclusivamente homens, fornecendo ao leitor a visão e os sentimentos da esfera masculina ao viver o processo de profundas alterações na situação da mulher. É o complemento

¹⁰ *Guten Morgen, du Schöne. Protokolle nach Tonband* teve até 1981 quatro edições na RDA. No ocidente também teve êxito considerável. Presentemente circula a terceira reedição (Munique, dtv).

¹¹ Tem história a edição deste primeiro livro da escritora. Em 1984, dois capítulos da obra em preparação numa editora da RDA – estava previsto o título *Mein Werderbuch. 19 Tonbandprotokolle* – foram pré-publicadas na revista literária *Sinn und Form*. A reacção oficial terá sido tão negativa, que a publicação do livro foi anulada. Daí a única edição existente ser da Alemanha ocidental. A passagem ilegal, porque não autorizada, do manuscrito para uma editora ocidental, deve ter tido implicações pessoais graves para a autora. Alguns anos mais tarde emigraria para os EUA, após curta permanência na Alemanha ocidental.

ao trabalho de M. Wander: numa sociedade nova, duas escritoras indagam e transmitem ao público as preocupações, os anseios, os conflitos, os pensamentos dos homens e das mulheres¹².

Ainda no mesmo ano Wolfgang Herzberger (1944-) edita um volume dedicado a biografias operárias, gravadas com os relatos de reformados duma grande empresa de equipamento eléctrico em Berlim oriental (Herzberger 1985). Neste caso a perspectiva de abordagem não se integra na esfera de tratamento literário, mas nas recolhas de história oral¹³. Aqui o leitor é confrontado com a visão do mundo e das coisas vistas por uma só geração da massa trabalhadora comum, a mais idosa da RDA – os que ainda conheceram o Império alemão e a república de Weimar, as duas guerras mundiais, finalmente o estado socialista em solo alemão.

Na perspectiva que pretendo relevar, estas obras são importantes, não tanto pelo contexto literário ou outro que as envolvem, mas sobretudo por permitirem a compactação de trajectos biográficos ditos vulgares, porque em princípio anónimos, e assim verificar quais as situações do quotidiano do regime socialista que transparecem. Nas publicações referidas a *Jugendweihe* está presente em inúmeros relatos.

OUTRAS MARCAS

Explorando mais a fundo esta pista, haverá ainda que mencionar dois livros bastante diferentes, mas qualitativamente significativos.

Também munida de um gravador a escritora Erika von Hornstein deu à estampa relatos de refugiados da RDA recém-chegados ao ocidente em finais da década de 50 (Hornstein 1992)¹⁴. Em várias das experiências de fuga narradas as iniciações cívicas fornecem um pano de fundo indelével.

Por último uma posição literária de fora, a de um jovem nova-iorquino que durante esses anos 50 vive com os pais na RDA. Embora o romance se concentre nos conflitos individuais de um adolescente mais preocupado consigo próprio

¹² A edição ocidental tinha o título *James Dean lernt kochen. Männer in der DDR* (Darmstadt, Luchterhand, 1988).

¹³ A edição ocidental tem um título ligeiramente diferente: *Ich bin doch wer. Arbeiter und Arbeiterinnen des VEB Berliner Glühlampenwerk erzählen ihr Leben, 1900-1980. Protokolle aus der DDR*. (Darmstadt, Luchterhand, 1987).

¹⁴ A primeira edição é de 1960. Refira-se que a torrente de refugiados da RDA para a Alemanha ocidental, usando regra geral Berlim ocidental como trampolim, só estancaria com a construção do muro de Berlim em Agosto de 1961. Na perspectiva do regime socialista esta medida significou o termo duma incontrolável e imparável sangria humana.

do que com os acontecimentos que alteravam o equilíbrio mundial, não deixa de introduzir de raspão a sua experiência de iniciação cívica, explicando-a ao leitor como uma espécie de primeira comunhão comunista. Num domingo de Março de 1956 à hora marcada, não comparece e, com um companheiro de infortúnio, passam uma divertida manhã num restaurante, enquanto no salão da cerimónia os seus nomes soam bem alto nessa chamada sem resposta (Agee 1982: 149-150)¹⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos materiais apresentados e da questão levantada, podem retirar-se conclusões preliminares e fixar algumas das pistas a seguir.

Do calendário comemorativo da RDA ressalta uma celebração destinada a marcar a entrada dos jovens de 14 anos no mundo dos adultos – a *Jugendweihe*. Será neste âmbito um rito de passagem, levado a cabo num domingo de Primavera, reunindo em levas os indivíduos de ambos os sexos. A celebração é antecedida de uma fase preparatória (*Jugendstunden*), na qual os iniciandos são instruídos em princípios fundamentais da modernidade ocidental, veiculados pelos seus mentores: o mundo liberto do divino, a justiça social pela abolição da exploração do homem pelo homem, a construção duma sociedade nova assente na ciência. Pela sua vertente marcadamente não-religiosa, estamos perante um fenómeno de ritualidade secular (Moore & Myerhoff 1977: 3-24). No caso apresentado, a implantação das celebrações de iniciação cívica corresponde a uma medida calculada do poder político instituído. Esta acção iria encontrar no campo sociológico receptividade, expressa na adesão da população. Numa fase de construção de hegemonia política, o regime recorre a uma manifestação com tradições na cultura operária alemã. Munido desta legitimação histórica, neutraliza a influência da instituição religiosa, subalternizando o elemento religioso na sociedade.

Para apagar e concorrer num plano de superioridade com o factor de representação do divino, o poder político chama a si a organização da encenação dramática, transformando e dando força ao ritual secular em detrimento do religioso. Não o inventa, mas antes recupera um contexto anterior de combate anti-religioso. Na RDA, a *Jugendweihe* é concebida, organizada e realizada, não só como uma alternativa aos rituais da igreja, mas como a sua cópia em termos

¹⁵ O título da versão original é *Twelve Years. An American Boyhood in East Germany* (Nova Iorque, Farrer Straus & Giroux, 1981).

performativos, na qual se invertem as mensagens. A aceitação da hegemonia política neste domínio por parte das pessoas tem a ver com comportamentos e atitudes anteriores no seio do movimento operário, mas também com a profunda alteração sociológica dentro do território da RDA nos anos 50 (desaparecimento da burguesia em termos sociais pela socialização dos meios de produção e, no plano demográfico, pela fuga em massa para o ocidente). Não é uma inovação ritual que consolida o regime, mas a monopolização de uma celebração já existente (confirmação, primeira comunhão) e ancorada no ciclo de vida das pessoas.

Se o controlo do aparelho de estado e dos centros de decisão política permite avançar com êxito para a conquista dos espíritos, estabelecendo-se assim hegemonia política global, a adesão à iniciação cívica aponta para a formação de uma ampla base social de apoio entre a população nesta matéria. O regime instaura e sustenta uma inovação ideológica na Alemanha: a plena separação do estado e da igreja, resolvendo uma longa contenda da modernidade. A adesão a esta nova realidade traduz talvez não tanto a polémica ideológica em si, mas mais a capacidade demonstrada pelo poder, em conjugar uma questão de estado com o domínio familiar. A *Jugendweihe* articula o público e o privado, ao contrário das outras celebrações do regime, em que a vertente comemorativa não remetia para a esfera pessoal. Neste sentido a iniciação cívica no regime socialista criou um elo de incorporação (Connerton 1992: 87-88) para a integração cultural do indivíduo e da família na sociedade.

Da situação analisada há que reter a alteração de mensagem (ideológica) levada a cabo. Ela ocorre pela apropriação dum contexto ritual existente, neutraliza-o, criando-lhe uma cópia. Não há concorrência, pois as partes em contenda assumem o controlo da organização do ritual como uma forma de ganhar ou perder hegemonia na sociedade. Não houve voto, mas acção.

Poder hegemónico e ritualidade secular anti-religiosa são partes constituintes de um enunciado no âmbito temático das relações entre religião e sociedade, onde determinados complexos rituais activam e influenciam o processo político.

O caso da RDA, embora retirado dum objecto hoje histórico, abre um campo de análise em que o enfoque do fenómeno religioso nas sociedades europeias terá de ser alargado e visto não só no plano da crença e da mobilização dos indivíduos (Badone 1990), mas também no âmbito da convivência instaurada entre posições divergentes ou mesmo antagónicas (Kertzer 1980). Sob o regime socialista a *Jugendweihe* tornou-se um instrumento eficaz para a instauração de hegemonia política. As referências bibliográficas citadas reportam-se a contextos não-hegemónicos. É um desafio para o discurso antropológico abordar a construção, a consolidação, a manutenção e o termo de hegemonias nas sociedades.

BIBLIOGRAFIA

- ABÉLÈS, Marc & W. Rossade [ed.] (1993). *Politique symbolique en Europe. Symbolische Politik in Europa*. Berlin: Duncker & Humblot (= Beiträge zur Politischen Wissenschaft, 69).
- AGEE, Joel (1982). *Zwölf Jahre. Eine Jugend in Ostdeutschland*. Munique: Hanser.
- ALLENDORF, Gerhard (1960). *Gewerkschaften und Jugendweihe*. Berlin: Tribüne.
- ANDERS, Johannes (1970). *Der Einfluß der Jugendweihe auf die sozialistische Persönlichkeitsentwicklung*. Leipzig: Karl Marx-Universität / tese de doutoramento /.
- ARNOLD, Heinz (1961). *Die Jugendweihe in der DDR: Materialsammlung*. Berlin: VEB Deutscher Zentralverlag.
- BADONE, Ellen [ed.] (1990). *Religious Orthodoxy & Popular Faith in European Society*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- BAFOIL, François (1991). À quoi servait la sociologie en RDA, *Revue française de sociologie*, 32, 2: 263-284.
- BEITL, Klaus [ed.] (1987). *Gegenwartsvolkskunde und Jugendkultur*. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften (= Philosophisch-historische Klasse, Sitzungsberichte, 493. Band).
- BERG-SCHLOSSER, D. & J. Schissler [ed.] (1987). *Politische Kultur in Deutschland. Bilanz und Perspektiven der Forschung Politische Vierteljahresschrift, Sonderheft 18*
- BILLEB, Konstanze (1992). *Neubeginn und Entwicklung einer proletarischen Tradition. Die Jugendweihe im östlichen Teil Deutschlands. 1946 bis 1958*. Zwickau: Pädagogische Hochschule / tese de doutoramento /.
- BORNEMAN, John (1992). *Belonging in the two Berlins: Kin, State, Nation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHIVA, Isac & Utz Jeggle [ed.] (1987). *Ethnologie en miroir. La France et les pays de langue allemande*. Paris: Éditions de la MSH.
- CINERIS, Karl (1956). *Jugendweihe und ihre Hintergründe*. Würzburg: Echter-Verlag.
- CONNERTON, Paul (1993). *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora.
- DÄHN, Horst (1982). *Konfrontation oder Kooperation? Das Verhältnis von Staat und Kirche in der SBZ/DDR, 1945-1980*. Opladen: Westdeutscher Verlag.
- DEHNE, H. (1985). Alle Tage leben. Zu neuen Forschungsansätzen im Beziehungsfeld von Alltag, Lebensweise und Kultur der Arbeiterklasse *Jahrbuch für Volkskunde und Kulturgeschichte*, n. F., 13: 9-48.
- DEUTSCHLAND (1957). *Unser Deutschland. Ein Buch für alle, die es lieben. Herausgegeben vom Zentralausschuß der Jugendweihe, Redaktion Walter Victor*. Berlin: Verlag Neues Leben.
- DOW, J. R. & H. Lixfeld [ed.] (1986). *German Volkskunde. A Decade of Theoretical Confrontation, Debate, and Reorientation (1967-1977)*. Blomington: Indiana University Press.
- ECKART, Gabriele (1984). *So sehe ick die Sache. Protokolle aus der DDR. Leben im Havelländischen Obstanbaugebiet*. Colônia: Deutsche Buch-Gemeinschaft.
- FORSYTHE, Diana E. (1984). Deutschland als wenig erforschtes Gebiet. Ein Problem der Ethnologie Westeuropas *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Sonderband 26: 124-140.

- GANDOW, Thomas (1994). *Jugendweihe. Humanistische Jugendfeier*. Munique: Evangelischer Presseverband in Bayern.
- GRAFF, Sigrid (1977). *Erziehung durch Arbeitskollektive: Untersuchungen zur weltanschaulichen Wirksamkeit von Werktätigen während der Vorbereitung Vierzehnjähriger auf das Gelöbnis der Jugendweihe*. Jena: Friedrich Schiller-Universität / tese de doutoramento /.
- GRIESHOFER, Franz (1987). Jungbürgerfeiern in Österreich. Die Jungbürgerfeiern als Manifestationen des staatlichen Selbstverständnisses *Beitl* 1987: 274-306.
- GUGGISBERG, Kurt (1961). *Die kommunistische Jugendweihe in christlicher Beleuchtung*. Bern: Schweizerisches Ost-Institut (= Schriftenreihe des Schweizerischen Ost-Institutes: Reihe Monographien. 9).
- HALLBERG, Bo (1977). *Die Jugendweihe. Zur deutschen Jugendweihetradition*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- HARTMANN, Matthias (1989). Weltliche Weihe. Die moderne DDR-Jugendweihe im 35. Jahr *Kirche im Sozialismus. Zeitschrift zu Entwicklungen in der DDR*, 15, 2: 52-54.
- HELBIG, F. (1987). *Jugendweihefeiern in Familie und Gemeinschaft*. Leipzig: Zentralhaus-Publikation.
- HELMHOLZ, Brigitta (1988). *Musikästhetische und pädagogische Untersuchungen zu Funktion und Gestaltung von Jugendweihefeiern*. Halle: Martin Luther-Universität / tese de doutoramento /.
- HERZBERG, Wolfgang (1985). *So war es. Lebensgeschichten zwischen 1900 und 1980. Nach Tonbandprotokollen*. Halle: Mitteldeutscher Verlag.
- HORNSTEIN, Erika von (1992). *Die deutsche Not. Flüchtlinge berichten*. Munique: Ullstein
- JACKSON, Anthony [ed.] (1987). *Anthropology at home*. Londres: Tavistock Publications
- JEREMIAS, Ulrich (1958). *Die Jugendweihe in der Sowjetzone*. Bona: Deutscher Bundesverlag.
- JUNGHANNS, Achim (1987). *Zur Entwicklung proletarischer Jugendweihen in Deutschland in den Jahren 1924 bis 1933, als Beitrag zur klassenmäßigen Erziehung des proletarischen Nachwuchses*. Zwickau: Pädagogische Hochschule / tese de doutoramento /.
- JURT, Joseph (1992). L'identité allemande et ses symboles. Une identité mal assurée par l'histoire *Les Temps Modernes*, 48, n° 550: 125-153.
- JW (1928). Reichserziehungsbeirat der Deutschen sozialdemokratischen Arbeiterpartei in der CSR. *Jugendweihe. Festgabe zur Erinnerung an Deinen Eintritt ins Leben. Prag 1928*. Bodenbach / Elbe: Nordböhmisches Druck und Verlags-Anstalt Gärtner & Co., GmbH.
- JW (1931). Reichserziehungsbeirat der Deutschen sozialdemokratischen Arbeiterpartei in der CSR. *Jugendweihe-Buch. Festgabe zur Erinnerung an Deinen Eintritt ins Leben. Prag 1931*. Bodenbach / Elbe: Nordböhmisches Druck und Verlags-Anstalt Gärtner & Co., GmbH.
- JW (1979). *Aufgabenstellung des Zentralen Ausschusses für Jugendweihe zur politisch-ideologischen Erziehung der Vierzehnjährigen in den Jugendstunden (Jugendstundenprogramm)*. Berlin: Zentraler Ausschuss für Jugendweihe in der DDR.
- JW (1986). *Handbuch zur Jugendweihe. Eine Anleitung für die Mitglieder der Ausschüsse für Jugendweihe in der DDR*. Berlin: Volk und Wissen.
- KAELBLE, Hartmut, J. Kocka, H. Zwahr [ed.] (1994). *Sozialgeschichte der DDR*. Stuttgart: Klett-Cotta.

- KASCHUBA, W., Th. Scholze & L. Scholze-Irrlitz [Ed.] (1996). *Alltagskultur im Umbruch*. Weimar: Böhlau Verlag.
- KEMPF, Horst (1986). *Zur Herausbildung geistiger Bedürfnisse der Heranwachsenden in der entwickelten sozialistischen Gesellschaft durch die Pionierorganisation 'Ernst Thälmann'*. Leipzig: Karl Marx-Universität / tese de doutoramento /.
- KERTZER, David I. (1980). *Comrades and Christians: Religion and Political Struggles in Communist Italy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KOCH, Reinhard (1989). Alltagswissen versus Ideologie? Theoretische und empirische Beiträge zu einer Alltagsphänomenologie der DDR *Rytlewski* 1989: 99-120.
- KOCKA, Jürgen (1995). L'Histoire sociale de la RDA *Actes de la Recherche en Sciences sociales*, n° 105-106: 80-84.
- KÖHLER, Hans (1962). *Pseudosakrale Staatsakte in Mitteldeutschland*. Witten / Ruhr: Luther-Verlag.
- KÖHLER, Hans (1958). *Christentum und Jugendweihe: Die Stellungnahme einiger evangelischer Christen zu Weltall, Erde, Mensch*. Bona: RCDS Bundesvorstand (= Civitas).
- KÖNTTI, Eija (1984). *Taistelun nuorisosta*. Helsinki: (= Suomen Kirkkohistoriallisen Seuran toimituksia, 131) [Zusammenfassung in dt. Sprache: Der Kampf um die Jugend. Die Problematik zwischen Jugendweihe und Konfirmation in der DDR bis zum Jahre 1964. English resume].
- KÖSTLIN, Konrad (1991). Angeeignete Feste – Eheschließung und Jugendweihe in der DDR *Beiträge zur Sprachwissenschaft*, 5: 143-156.
- KRAA, Detlev (1989). Sozialistische Rituale und kulturelle Überlagerungen in der DDR *Voigt* 1989: 197-210.
- KRAPP, Gotthold (1972). Stand, Aufgaben und Probleme der Erforschung der bildungspolitischen und pädagogischen Traditionen der deutschen Arbeiterbewegung in der II. Hauptperiode ihrer Entwicklung *Pädagogik. Zeitschrift für Theorie und Praxis der sozialistischen Erziehung*, 27, 6: 550-564.
- KRAPP, Gotthold (1977). *Die Kämpfe um proletarischen Jugendweiheunterricht und proletarische Jugendweihen am Ende des 19. Jahrhunderts. Ein Beitrag zu den Anfängen der sozialistischen Erziehung der Arbeiterkinder in der zweiten Hauptperiode der Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*. Berlin: Volk und Wissen (= Monumenta Paedagogica, 27).
- LUTHARDT, W. & A. Waschkuhn [ed.] (1988). *Politik und Repräsentation. Beiträge zur Theorie und zum Wandel politischer und sozialer Institutionen*. Marburg: SP-Verlag Schüren (= Schriftenreihe der Hochschulinitiative Demokratischer Sozialismus, 20).
- MOHRMANN, Ute (1986). Alltag und Festtag in der DDR. Zu unserem Umgang mit volkskulturellen Traditionen *Ethnographisch-Archäologische Zeitschrift*, 27, 1: 27-41.
- MOHRMANN, Ute (1987). Jugendforschung in der DDR – unter besonderer Berücksichtigung volkskundlicher Untersuchungen zur Jugendweihe *Beitl* 1987: 307-320.
- MOHRMANN, Ute (1990). Sitten und Bräuche im Lebenslauf der DDR-Bürger *Abhandlungen und Berichte des Staatlichen Museums für Völkerkunde Dresden*, 44: 437-446.
- MOHRMANN, Ute (1996). Festhalten am Brauch. Jugendweihe vor und nach der Wende *Kaschuba et al.* 1996: 197-213.
- MOORE, Sally F. & Barbara G. Myerhoff [ed.] (1977). *Secular Ritual*. Assen: van Gorcum
- MÜLLER, Christine (1985). *Männer-Protokolle*. Berlin: Buchverlag Der Morgen.

- NIETHAMMER, Lutz, A. v. Plato & D. Wierling (1991). *Die volkseigene Erfahrung. Eine Archäologie des Lebens in der Industrieprovinz der DDR. 30 biographische Eröffnungen*. Berlin: Rowohlt.
- PINTHER, Arnold (1969). Über Bedingungen und Maßnahmen zur Effektivitätssteigerung der Jugendweihe *Jugendforschung. Schriftenreihe für Theorie und Praxis der marxistischen Jugendforschung und Jugenderziehung*, 9: 27-39.
- ROSSADE, Walter (1987). Kulturelle Muster in der DDR *Berg-Schlosser* 1987: 229-237.
- RUSCH, Walter (1986). Untersuchungen des Bereichs Ethnographie der Humboldt-Universität zu ethnographischen Gegenwartsproblemen *Ethnographisch-Archäologische Zeitschrift*, 27, 1: 152-160.
- RYTLEWSKI, Ralf & B. Sauer (1988). Die Ritualisierung des Jahres. Zur Phänomologie der Feste und Feiern in der DDR *Luthardt et al.* 1988: 265-285.
- RYTLEWSKI, Ralf (1987). Soziale Kultur als politische Kultur: die DDR *Berg-Schlosser & Schissler* 1987: 238-246.
- RYTLEWSKI, Ralf [ed.] (1989). *Politik und Gesellschaft in sozialistischen Ländern. Ergebnisse und Probleme der Sozialistische Länder-Forschung*. Opladen: Westdeutscher Verlag (= Politische Vierteljahresschrift, Sonderband 20).
- RYTLEWSKI, Ralf, B. Sauer & U. Treziak (1987). Politische und soziale Rituale in der DDR *Berg-Schlosser* 1987: 247-257.
- SAUER, Birgit (1989). Jugendweihe in der DDR – Schule junger Revolutionäre? *Pädagogik und Schule in Ost und West*, 37, 2: 104-109.
- SAUER, Birgit (1989a). Keine starre Propaganda. Die Zeitschrift *Jugendweihe Kirche im Sozialismus. Zeitschrift zu Entwicklungen in der DDR*, 15, 3: 105-109.
- SAUER, Birgit (1993). Rituel et mythe. Une contribution à l'analyse des jours fériés politiques en RDA, *Abêlès & Rossade* 1993: 79-100.
- SCHLOSSER, Horst Dieter [ed.] (1991). *Kommunikationsbedingungen und Alltagssprache in der ehemaligen DDR*. Hamburg: Buske (= Beiträge zur Sprachwissenschaft. 5).
- SINN (1983, 1989). *Vom Sinn unseres Lebens*. Berlin: Verlag Neues Leben.
- SOZIALISMUS (1975, 1982). *Der Sozialismus, Deine Welt. Herausgegeben vom Zentrallausschuß für Jugendweihe, Redaktion Heinrich Gembow*. Berlin: Verlag Neues Leben.
- SPLETTSTÖSSER, Bärbel (1984). *Die Entwicklung der proletarischen Jugendweihe in Südwestsachsen in den Jahren der Weimarer Republik, von 1919 bis 1932-33*. Zwickau: Pädagogische Hochschule / tese de doutoramento /.
- STEINBACH, Petra (1986). *Die Entwicklung sozialdemokratischer Jugendweihen und Schulentlassungsfeiern in der Epoche des Imperialismus und des Vorabends der proletarischen Revolution. 1900 bis 1932-33*. Zwickau: Pädagogische Hochschule / tese de doutoramento /.
- STEININGER, Herbert (1961). *Mein Kind und unsere Welt: Über den Sinn der Jugendweihe in der Deutschen Demokratischen Republik*. Berlin: Dietz.
- STÜBIN, Eduard (1970). Die Jungbürgerfeiern im Kanton Basel Landschaft *Baselbieter Heimatblätter*, 35, 1: 429-436.
- VOIGT, R. [ed.] (1989). *Politik der Symbole – Symbole der Politik*. Opladen: Leske und Budrich.
- WANDER, Maxie (1977). *Guten Morgen, du Schöne. Protokolle nach Tonband*. Berlin: Verlag Der Morgen.

- WETTALL (1962, 1974). *Weltall, Erde, Mensch. Ein Sammelwerk zur Entwicklungsgeschichte von Natur und Gesellschaft* (Red. Alfred Kosing et al.). Berlin: Verlag Neues Leben.
- WETTALL (1954). *Weltall, Erde, Mensch. Ein Sammelwerk zur Entwicklungsgeschichte von Natur und Gesellschaft* (Red. Gisela Buschendorf et al.). Berlin: Verlag Neues Leben.
- WINKELMANN, Ingeborg (1986). Jugendweihe als Bestandteil sozialistischer Lebensweise in der DDR *Documentatio Ethnographica*, 11: 184-193.
- WOLF, Siegfried (1984). *Revolutionär-proletarische Jugendweihen und Vorbereitungskurse in den ersten Jahren der Weimarer Republik. Ein Beitrag zur weltanschaulichen Bildung und Erziehung der proletarischen Jugend*. Zwickau: Pädagogische Hochschule / tese de doutoramento /.